

**DOI:** 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT17.001

# **A CULTURA ESCOLAR COMO FATOR IN(VIABILIZADOR) DE UMA EDUCAÇÃO FÍSICA INOVADORA**

**RODRIGO DO VALE DOS SANTOS**

Mestrando em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - CE e Professor da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza - CE, [rodrigo.vale@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:rodrigo.vale@educacao.fortaleza.ce.gov.br);

**ANTÔNIO IGOR DA SILVA TEODOZIO**

Mestrando em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - CE e Professor da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza - CE, [antonioigor.silva@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:antonioigor.silva@educacao.fortaleza.ce.gov.br);

**PATRÍCIA RIBEIRO FEITOSA LIMA**

Pós-doutora em Educação e Professora do Mestrado Profissional em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - CE, [patriciafeitosa@ifce.edu.br](mailto:patriciafeitosa@ifce.edu.br);

**NILSON VIEIRA PINTO**

Pós-doutor em Saúde Coletiva e Professor do Mestrado Profissional em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - CE, [nilsonvieira@ifce.edu.br](mailto:nilsonvieira@ifce.edu.br).

## **RESUMO**

O Ensino da Educação Física pode encontrar-se permeado por uma atuação docente tradicional, uma docência marcada pelo desinvestimento pedagógico ou uma prática renovadora/inovadora. A cultura escolar relacionada ao ensino da Educação Física geralmente está circunscrita pela invisibilidade do trabalho docente, pelo caráter funcional do abandono do trabalho docente e/ou pelas hierarquias dos saberes escolares. Diante disso, este trabalho teve como objetivo explicitar como a cultura escolar surge como um fator determinante na ação docente de professores(as) de Educação Física do Ensino Básico. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, no formato de relato de experiência, desenvolvido por mestrandos(as) e professores(as) da Educação Básica, em março de 2023, motivados pela discussão realizada em fórum no ambiente virtual do Mestrado Profissional em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Por se tratar de um relato de experiência com fins educacionais e formativos, esta atividade não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde - Artigo

1o. Parágrafo único, Inciso VIII), entretanto, ressalta-se que todos os procedimentos éticos da pesquisa com seres humanos nas Ciências Sociais foram respeitados. Os resultados evidenciam a invisibilidade docente como categoria frequente entre os(as) professores(as) avaliados, expondo narrativas como: adjetivação pejorativa nas/das aulas; necessidade de se justificar a intencionalidade dos objetos de conhecimento; estranhamento quanto a instrumentação cuidadosa no planejamento das aulas; lócus de substituição para professores ausentes; identificação limitada da disciplina com a prática esportiva entre outros casos que caracterizam o desconhecimento dos atores escolares sobre a real atuação do(a) professor(a) de Educação Física. Desta forma, os relatos discutem e exemplificam como a cultura escolar pode influenciar na ação docente em Educação Física e demonstram necessidade de ampliação deste debate.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar, Inovação Pedagógica, Invisibilidade Docente, Educação Básica, Desafios Docentes.

## INTRODUÇÃO

---

Ao longo do processo de docência, alguns fatores contribuem negativamente ou positivamente para a atuação do(a) professor(a). Na Educação Física Escolar, González (2020) aponta que esses fatores podem colaborar para 3 tipos diferentes de atuação docente, classificadas como: tradicionais, abandono docente e renovadora.

As atuações tradicionais da Educação Física, geralmente estão voltadas para a saúde em um aspecto biologicista e com influência do esportivismo, podem, por meio da busca de condicionamento físico e controle dos corpos, ser consideradas a favor do desenvolvimento do capitalismo e da classe social dominante desse sistema econômico (Soares et al., 1992).

Quanto à segunda classificação, o abandono docente, “rola bola” ou Recreacionismo refere-se a despreensão dos docentes e desinvestimento pedagógico de uma prática educacional mais profunda, sendo limitada muitas vezes a manter ocupado(a) os(as) aprendizes e/ou compensar o tédio gerado pelas outras disciplinas dentro da escola, havendo pouca ou absoluta ausência de intervenção docente nas aulas ditas “livres” (Silva; Bracht, 2012).

Por último, temos as ações pedagógicas de caráter renovador, influenciadas pelo processo de crise e renovação da Educação Física na década de 1980 (González, 2020). Esse movimento surge após o período de redemocratização no Brasil e que segundo Sanches Neto e Betti (2008) vem como uma forma de responder “O que é a Educação Física?”.

Ainda sobre os diferentes tipos de atuação, González (2020) salienta a importância de um olhar contra a lógica simplista e de culpabilização do professor, necessitando a compreensão dos diversos fatores que influenciaram o mesmo a ter determinadas ações docentes.

Diante disso, sem querer dar conta de todos os fatores, mas apontando alguns deles Gonzalez (2020) traz quatro classificações importantes: o processo de transformação da área, as condições objetivas de trabalho, cultura escolar e sua relação com a disciplina, as disposições sociais do(a) professor(a) atualizadas no contexto de trabalho.

Pensando nisso e compreendendo a importância de visualizar e perceber como esses fatores contribuem para ação docente, o objetivo deste trabalho é

explicitar como a cultura escolar pode influenciar a ação docente de professores e professoras de Educação Física no ensino básico.

## **METODOLOGIA**

---

O trabalho trata de uma pesquisa de caráter qualitativo, em formato de relato de experiência sobre situações referentes à cultura escolar e sua influência na ação docente de professores e professoras de Educação Física. Os (As) docentes envolvidos (as) na pesquisa participam do Mestrado Profissional em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), que possui como critério de entrada estar atuando no ensino básico a nível municipal, estadual ou federal.

Entre os participantes temos seis professores e duas professoras dos diferentes níveis de ensino, desde Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais e anos finais, como Ensino Médio. Este trabalho foi motivado após uma atividade do mestrado supracitado que ao tratar do texto de Gonzalez (2020), propôs que os professores (as)-pesquisadores (as) trouxessem e problematizassem exemplos de fatores influenciadores na sua atuação docente.

Essa discussão ocorreu por meio de fórum no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) como primeira tarefa da disciplina “D1-Problemas da Educação Física” durante o início do ano de 2023, fazendo parte do processo avaliativo a distância dos(as) professores(as) pesquisadores(as).

Essa tarefa foi guiada especialmente por 3 perguntas norteadoras: a) Você entende que essas categorias são pertinentes? Por Favor, explique seu posicionamento. b) Agregaria outra(s) categoria(s) para descrever os fatores que afetam as atuações docentes? Se sim, favor descrever. c) Poderia relatar situações vivenciadas por você ou colegas que, de alguma forma, exemplifique cada uma das dimensões apresentadas no texto? (Se possível, registre pelo menos 1 exemplo dentro de cada item).”

Ademais, devido a amplitude de discussões e diálogos gerados, nesse momento o foco deste relato será especificamente em uma das dimensões de análise e síntese propostas por González (2020): a “cultura escolar e sua relação com a disciplina”, que segundo o autor pode ser dividido ainda em três tópicos: “A invisibilidade do conhecimento disciplina”; “O caráter funcional do abandono do trabalho

docente nas aulas de Educação Física escolar”; e “Hierarquias dos saberes escolares”, que dizem respeito a como a cultura escolar de uma determinada instituição impacta diretamente a atuação docente na Educação Física.

Ressaltamos que os nomes dos (as) professores (as) são fictícios preservando o anonimato dos participantes dos relatos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

A partir das discussões no fórum do AVA foram explicitados, pelos (as) professores (as) envolvidos (as), exemplos de problemáticas na dimensão da cultura escolar a partir de três categorias supramencionadas: I) a invisibilidade do conhecimento disciplinar; II) o caráter funcional do abandono do trabalho docente nas aulas de Educação Física escolar; e III) a hierarquia dos saberes escolares. Utilizaremos essa ordem, a seguir, para evidenciar os dados relatados.

### **I) A INVISIBILIDADE DO CONHECIMENTO DISCIPLINAR E DO TRABALHO DOCENTE**

Segundo González (2020) a comunidade escolar como um todo não reconhece o que se ensina ou deve ser ensinado nas aulas de Educação Física, então qualquer forma de ocupar o tempo da (não) aula acaba sendo aceita, além de receber o mesmo reconhecimento de uma aula planejada com objetivos, metodologia, referências, objetos de estudo, desenvolvimento de habilidades.

O autor explica que a invisibilidade do trabalho docente atua como facilitadora da manutenção da postura dos professores que possuem perfil de abandono do trabalho docente, os exemplos destacados nessa categoria contribuem para que o docente, em determinado momento da sua carreira, adote como prática o “rola-bola” e a “não-aula”, já que, apesar de poder ser mal vista por alguns, a prática é aceita como uma das formas de lecionar Educação Física. Enquanto que, os professores com práticas inovadoras, sentem-se desmotivados pela falta de reconhecimento da sua atuação docente, muitas vezes sendo substituídos por professores que abandonam o trabalho docente sem que haja qualquer problematização dessa mudança entre a comunidade escolar.

Essa invisibilidade parte de todos os lados, pelos mais diferentes agentes da comunidade escolar: gestão, outros professores, alunos, pais. Alguns relatos

são apontados no fórum e deixam claro que essa é uma problemática presente em escolas dos mais diferentes níveis e lugares.

Elias, por exemplo, professor do Ensino Médio no município de Quixeré/CE, relata que professores de outras áreas adjetivaram algumas de suas aulas que tinha como unidade temática a dança (breakdance e forró) como “macacada” e “marmota”, fato que causou incômodo e reação por parte dele. O docente comenta que precisou justificar a intencionalidade dos objetos de conhecimento abordados.

A invisibilidade do trabalho docente do professor de Educação Física pelo olhar dos professores de outros componentes curriculares é uma problemática que se repete nos relatos comentados no fórum do AVA, uma exposição intrigante é a do professor Ítalo docente do Ensino Fundamental no município de Fortaleza. Segundo ele, sua atuação no planejamento das aulas na sala dos professores e sua preocupação técnica e pedagógica com os instrumentais causou surpresa e estranhamento por parte dos outros professores, que não percebiam a importância desses métodos para a atuação no componente Educação Física.

Percebemos que mesmo entre colegas professores, que deviam ter conhecimento de que cada componente curricular possui sua própria especificidade, seus próprios objetos de estudos, habilidades e objetivos, a Educação Física (componente curricular obrigatório como os outros) é considerada menos importante que as demais disciplinas.

Célia, professora do Ensino Médio no município de Fortaleza/CE, cita que a Educação Física é vista como entretenimento, fuga ou como forma de cobrir alguma aula na qual o professor tenha faltado. Esse olhar em relação à Educação Física ocorre tanto por parte da gestão (que muitas vezes junta turmas de professoras que faltaram, superlotando as aulas de Educação Física), quanto por parte de alguns alunos que entendem a Educação Física como diversão e acham que podem escolher que prática corporal vai ocorrer nas aulas.

Daolio (2005) comenta que a Educação Física Escolar é, muitas vezes, caracterizada apenas pelo modelo tradicional, no qual os conteúdos eram técnicas de movimento esportivas ensinadas de forma fechada, rígida e disciplinar, esse modelo por muito tempo deu identidade à Educação Física. O conhecido “quarteto mágico” (futebol, voleibol, basquetebol e handebol) e seus fundamentos, eram, incansavelmente, praticados nas aulas, que apenas abordavam a dimensão do “saber fazer”, do procedimental, baseadas no tecnicismo necessário para que a classe dominante

pudesse “adestrar” corpos dos filhos da classe trabalhadora, aulas caracterizadas por filas (transporte público?) e repetição de movimentos específicos (fábrica?).

No fórum, o relato da professora Célia corrobora essas considerações. A docente critica o advento do “novo” Ensino Médio e a questão do notório saber para credenciar profissionais que não possuem licenciatura em sala de aula. Nesse mesmo diapasão, o professor Elias traz, na postagem abaixo, o exemplo de ex-atletas que atuam no componente curricular e abordam apenas a prática dos “treinos esportivos” dos quais eram especialistas:

*Elias - “Este aspecto das eletivas e o notório saber no âmbito do Novo Ensino Médio também é um outro problema emergido mais contemporaneamente, porque na minha realidade há dois professores (de outros componentes) que por serem atleta e ex-atleta, resolveram ministrar eletiva de Basquete e Lutas, e notei que as aulas assumem formatos de treinos, com exercícios que lembram o método analítico-sintético, com a ausência de contextualizações teóricas sobre esses elementos da cultura corporal de movimento.”*

Observa-se que a formação de graduação Licenciatura em Educação Física é condição *sine qua non* para a ministração de aulas de Educação Física, inclusive de esportes como o Basquetebol. A profissão é regulamentada pela Lei N. 9696/1998 (Brasil, 1998)

Ainda nesse esteio, o professor Fausto, professor do Ensino Médio no município de Iguatu/CE, comenta a estereotipação do professor de Educação Física, que é visto como uma espécie de treinador. Elias concorda, trazendo à tona a problematização sobre a questão da atuação desses profissionais nos chamados “Jogos Escolares” e a sobrecarga que gera ao professor:

*Elias - “Eu tenho 40h lotado em “sala de aula”, em que momento da minha jornada organizarei as equipes? Nos horários de aula da EF (e os outros que não jogam?); No contraturno ou nos meus planejamentos (e a qualidade das aulas de EF?); no horário que estou livre da escola (e minha vida pessoal?). Este estereótipo que se arrasta desde o período esportivista, torna dúbia a nossa imagem, preterindo o lado pedagógico do nosso componente e sobrecarregando nossa carreira”.*

Outras situações intrigantes e que deixam clara a incompreensão de parte da comunidade escolar em relação às especificidades do ensino da Educação Física na escola são as reclamações de alguns agentes escolares em relação ao barulho e ao suor excessivo dos alunos, o que Luiz (professor da Educação Infantil e Ensino Fundamental no município de Fortaleza/CE) chama de “cultura escolar da quietude”.

Eva e Denis, professores do Ensino Médio no município de Fortaleza/CE, também citam episódios semelhantes (relatados na categoria a seguir).

Lembramos, então, do olhar de Foucault (2009) sobre a escola e suas relações de poder e disciplina baseadas em vigiar e punir aqueles sujeitos considerados “indisciplinados”, buscando o desenvolvimento do “corpo dócil”, “adestrado”, por meio de mecanismos e agentes de controle. O filósofo compara a figura do professor com a do vigia, pois atua impedindo a “cola”, conversas paralelas ou qualquer ruído que pudesse distrair a atenção de outros alunos e professores.

Eva aborda outra problemática relacionada ao desconhecimento das particularidades do ensino de Educação Física pela comunidade escolar:

*“Já vivenciei também situações em que percebi um descontentamento da gestão por tornar a escola mais movimentada. Em uma atividade de dança, muitos alunos recorreram a escola no contra turno para ensaiarem suas apresentações e a gestão não conseguia (ou não queriam) controlar a movimentação na escola e proibiram os alunos de irem pra escola no contra-turno.”*

No caso citado acima a gestão escolar não percebia o quão importante é para a Educação Física possuir uma escola viva, com alunos se movimentando ali dentro, ensaiando, dançando, envolvidos em atividades artístico-culturais. Perde-se a oportunidade, por exemplo, de impactar a comunidade na qual a escola se localiza com apresentações e festivais que poderiam ocorrer a partir dessas vivências.

“Sobre esse poder disciplinador direcionado especificamente para a escola, pode-se constatar a predominância de mecanismos de vigilância (disciplinadores) sobre a questão qualitativa da construção do saber educacional. O ensino é sobreposto pela vigilância.” (Macedo, 2018)

Essa soma de fatores leva o professor adepto de práticas inovadoras à frustração por não conseguir mudar essa cultura de invisibilidade em curto prazo, como reclama Luiz. Apesar da frustração inicial, percebe-se esperança nas suas considerações no fórum:

*Luiz - “(...) realmente tenho me frustrado em não poder mudar essa realidade a curto prazo, mas acredito que esse trabalho de formiga vem sendo feito por professores e professoras como nós, que apesar dos diversos desafios, buscamos ao máximo uma inovação pedagógica”.*



E esse “trabalho de formiga” realmente dá resultado, como depois comenta o professor Ítalo, a prática comprometida muda olhares sobre a identidade da Educação Física na cultura escolar. O relato abaixo nos deixa cheios de esperança e comprometimento com essa mudança de paradigma:

*Ítalo - “Em um momento mais avançado da minha trajetória no ensino, me deparei com olhares e comentários de apoio advindos da gestão escolar e de colegas professores, após repercussões positivas das vivências dos alunos. Pode parecer algo pequeno, mas para criação de uma nova identidade da educação física escolar é necessário que a comunidade visualize possibilidades e bons exemplos, para que em seguida apoie e entenda a educação física como componente curricular, e não uma mera atividade.”*

*Ítalo - “Por fim, posso citar um caso mais recente, o ocorrido foi na escola que atualmente sou lotado, na rede municipal de Fortaleza. O “feedback” dos alunos sempre foi um dos parâmetros para autoavaliação das minhas aulas, às vezes é um retorno espontâneo e até mesmo não verbal, por exemplo: Dias após uma aula que vivenciamos alguns esportes de precisão, um colega professor comentou que um grupo de alunos estava brincando com umas “bolinhas” durante o intervalo. Fui observar e eles estavam jogando bocha, modalidade que tínhamos estudado recentemente e realizado a vivência em quadra. Nessas situações vejo que a Educação Física deve e pode ter repercussões no ambiente escolar e extraescolar dos alunos. É uma mudança que está em andamento, inclusive enxergo o PROEF como um catalisador desse processo.”*

Como nos ensina Paulo Freire (2021, p. 74), “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”. Para o autor, o professor não é apenas objeto da história que constata o que ocorre, mas sujeito de ocorrências que, na sua subjetividade, intervéem na objetividade e modifica a realidade com que dialeticamente se relaciona. Com a prática docente comprometida, somos capazes de mudar essa cultura escolar permeada de preconceitos e/ou invisibilidades. “Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos” (Freire, 2021, p. 76). Para o autor, a rebeldia, a denúncia, é o ponto de partida para a anunciação, a superação, a mudança e a revolução. Sejamos, então, rebeldes, superadores e revolucionários em nossas práticas pedagógicas!

## **II. O CARÁTER FUNCIONAL DO ABANDONO DO TRABALHO DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

De acordo com Pich et al. (2013), esta categoria trata das razões pelas quais se há a reprodução e permanência de práticas proeminentes do abandono do

trabalho docente, e para além disso, o desconhecimento e a descaracterização da Educação Física como disciplina curricular pedagógica de ensino.

Neste sentido, o fórum promovido pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem, por intermédio dos relatos dos (as) professores (as) evidenciou a importância de se compreender essa categoria. Neste contexto, foram discutidas situações de abandono, descaracterização e preconceito, vivenciadas com as suas aulas de Educação Física, cujos exemplos dos relatos destes docentes constam a seguir:

*Luís: "(...) experimentei uma situação em que um diretor tinha uma visão de entretenimento das minhas aulas e que, portanto, alunos sem professores podiam entrar nelas independente da série. (...)";*

*Eva: "(...) os alunos(as) e professores(as), assim como a própria gestão entendem a educação física escolar como um momento de "recreação" (...)".*

Os relatos de Luís e Eva reforçam a visão estereotipada em que a figura do professor de Educação física é dissociada das atividades de ensino, sendo o professor um agente da escola que não possui plano de ensino ou objetivos específicos nas atividades desenvolvidas com os alunos.

Nesse contexto, a atribuição inicial do professor deixa de ser ensinar e/ou mediar a produção de conhecimento. No olhar de parte da comunidade escolar a função inicial e primordial do professor de EFE é meramente recreativa.

*Ítalo: "(...) a turma falava de forma natural a estrutura de aula, no caso a falta dela, relatos diretos como "a gente faz a tarefa pra jogar bola", "Só carimba e futebol". (...)".*

Infelizmente comentários como o do professor Ítalo são encontrados com facilidade na realidade escolar das diferentes regiões do país, no que concerne ao abandono docente explicitado pelos alunos de forma normalizada. Esse "padrão" fortifica a ideia do professor "rola bola", ao passo que torna a atuação do professor inovador um ato ardoroso e de resistência. Haja vista que os próprios discentes não conseguem visualizar outra forma de Educação Física que não seja aquela enraizada pelo desinvestimento pedagógico.

*Rogério: "(...) já tive que juntar turmas por falta de professor de outro componente curricular, e o contrário também, ou seja, ceder alunos para realizar atividades de outros componentes durante a aula de Educação Física. (...)";*

*Elias: "(...) enquanto estava preparando a turma para ir para quadra, veio um pedido da gestão para que se juntassem turmas. Ficou bem claro que a gestão recorreu a Educação Física somente para preencher o tempo daqueles alunos sem considerar que a aula seria prejudicada.*

O olhar dos gestores escolares relatados pelos professores reflete na atuação dos professores, trazendo mais barreiras no desenvolvimento de aulas inovadoras, além de reforçar a classificação da Educação Física como uma sub-disciplina que não necessita de concentração dos alunos, ambiente favorável, "feedbacks" ou mediação docente

*Célia: "(...) Certa vez uma professora de Inglês da minha escola manifestou para mim um descontentamento referente ao suor dos alunos depois da prática de Educação Física, aproveitei a ocasião para emendar uma brincadeira sobre a impossibilidade de os alunos praticarem as atividades sem que eles soem.*

Com base nos relatos supracitados, é possível observar casos em que a Educação Física é vista como uma espécie de "coringa", cujo tempo de aula e disposição do professor podem ser "úteis" para diversas situações, tais como: entretenimento, recreação, forma de os alunos passarem o tempo em caso de ausência de outros docentes de outras aulas a partir da junção de turmas, etc.

Nesta conjuntura, infelizmente, torna-se comum percebermos atitudes que fomentam, equivocadamente, a prática do "rola bola" por parte de outros (as) agentes escolares, como a gestão e professores (as) de outras disciplinas, pois para eles (as) a Educação Física passa a ser mais uma disciplina de caráter super utilitário, disposta a auxiliar em diversas situações escolares, porém sem levar em consideração seu caráter autêntico e pedagógico.

Outro ponto relatado, foi o fato do desconhecimento e da descaracterização docente por parte de outros professores de outras disciplinas, enxergando-a, muitas vezes, de forma secundária, como por exemplo a insatisfação do docente ao receber os (as) alunos (as) suados (as) em sua aula em decorrência das atividades práticas da Educação Física. Isso é claramente uma forma despreziosa de ver essa disciplina, pois afinal, como não suar em atividades práticas como correr, dançar, jogar e pular? Trata-se de uma questão de bom senso, portanto.

Por fim, observou-se que também há por parte dos próprios alunos uma visão singular da Educação Física, como no relato: "a turma falava de forma natural a estrutura de aula, no caso a falta dela, relatos diretos como - a gente faz a tarefa pra

jogar bola, “Só carimba e futebol.”; e isso, lamentavelmente, é mais um dos fatores que contribuem para a manutenção do abandono do trabalho docente, em junção de outros citados anteriormente, como o preconceito, o desconhecimento e a des-caracterização da Educação Física por parte da gestão, de outros professores (as) e do próprio sistema escolar.

### III) HIERARQUIZAÇÃO DOS SABERES ESCOLARES

Quanto à hierarquização dos saberes escolares, Gonzalez (2020) diz respeito à posição hierárquica inferior atribuída à Educação Física Escolar ao ser comparada com as outras disciplinas, havendo necessidade de enfrentamento de uma série de dificuldades pelo (a) docente para conquistar reconhecimento profissional. Referente aos exemplos citados no fórum quanto a hierarquização dos saberes escolares, que de certa forma já foram explicitadas nas categorias anteriores, iremos nos ater às partes ainda não supracitadas.

Historicamente a Educação Física possuía função de estimular o aspecto psicomotor por meio de atividades motoras com o objetivo de dar suporte às aprendizagens cognitivas e facilitar o processo de alfabetização, é a perspectiva da Educação Física compensatória (Simão, 2005). Bracht (1999) corrobora, segundo o autor, essa proposta baseada no movimento como mero instrumento (e não um saber a ser sistematizado e compartilhado) não confere especificidade à Educação Física, subordinando-a a outros componentes curriculares.

Assim, um exemplo importante é comentado pelo professor Elias ao citar uma situação referente às pressões vinculadas às avaliações externas: “Quando estamos perto das avaliações externas sempre nos instigam a realizar alguma atividade para as disciplinas que serão avaliadas. No caso da Educação Física, por estar inserido nas linguagens, enfoca na Língua Portuguesa. Torna-se uma situação desmotivadora, porque temos 1h/aula (que não é 60min), e ainda destinar para apoio de um componente que possui tempo a mais que a Educação Física, dificulta nossos planos, e também, a identidade da nossa disciplina.”

Neste sentido, parece que as avaliações externas reforçam a hipervalorização de outras disciplinas em detrimento da Educação Física, o mesmo é citado pelo professor Rogério: “Já ouvi de colegas professores de outras disciplinas que Matemática e Português eram mais importantes que as demais disciplinas e justificarem com as avaliações externas, como o Sistema Permanente de Avaliação

da Educação Básica do Ceará (SPAECE). Já tive, inclusive, pedido da gestão para trabalhar temas dessas disciplinas durante minhas aulas como forma de revisão antes da prova.”

O mesmo é relatado pelo professor Denis: “Já passei por situação semelhante. Certa vez, a coordenação me pediu que eu considerasse a nota de um simulado do SPACE para a disciplina de Educação Física! Infelizmente sabemos que estas situações não são casos isolados.” Como também pelo professor Luiz: “SPAECE e ENEM são alguns exemplos, infelizmente nessas situações devemos resistir e tentar construir uma relação interdisciplinar para que de alguma forma as disciplinas se relacionem sem que haja necessidade de exclusão da Educação Física, infelizmente isso não depende somente de nós, há diversos professores e professoras de outras áreas que de fato enxergam suas áreas superiores ou únicas importantes dentro da escola, penso que com esses é difícil modificar o pensamento.”

Quanto às avaliações externas é importante salientar que essas avaliações de larga escala, segundo Venâncio e Sanches Neto (2019) pouco contribuem para compreensão dos sentidos atribuídos pelos escolares que as fazem com os saberes inseridos.

Quanto aos comentários apesar dos eventos supracitados, o professor Ítalo nos traz experiências positivas de mínima superação desse pensamento hierarquizado “Em um momento mais avançado da minha trajetória no ensino, me deparei com olhares e comentários de apoio advindos da gestão escolar e de colegas professores, após repercussões positivas das vivências dos alunos. Pode parecer algo pequeno, mas para criação de uma nova identidade da Educação Física escolar é necessário que a comunidade visualize possibilidades e bons exemplos, para que em seguida apoie e entenda a Educação Física como componente curricular, e não uma mera atividade.”

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

O presente estudo elucidou, através da análise dos resultados e discussões advindas do fórum do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), uma série de problemáticas relacionadas à dimensão da cultura escolar no âmbito da Educação Física. As três categorias que emergiram de maneira proeminente foram analisadas por meio de associação e contextualização com os relatos de professores

A subvalorização do trabalho docente na Educação Física é uma problemática complexa que permeia diferentes agentes da comunidade escolar. A ausência de reconhecimento do conhecimento disciplinar e da prática inovadora contribui para a manutenção de estereótipos e preconceitos em relação à disciplina. Professores enfrentam desafios ao tentar implementar práticas pedagógicas inovadoras, enquanto a manutenção do modelo tradicional é reforçada pela resistência à mudança. A falta de valorização da formação específica e a irrelevância do professor atuante ou não no ensino são exemplos que evidenciam a necessidade urgente de redefinir a percepção da Educação Física como componente curricular.

A categoria que aborda o abandono do trabalho docente aponta situações em que a Educação Física é entendida como um componente “coyinga” que pode preencher lacunas de tempo ou servir como mera recreação. A descaracterização da disciplina, associada à visão estereotipada do “rola-bola”, reflete a falta de compreensão sobre o papel pedagógico e a importância da Educação Física no desenvolvimento integral dos alunos. A sobrecarga de atividades extracurriculares, a junção de turmas e a ausência de planejamento evidenciam a necessidade de reconhecimento e valorização do trabalho do professor de Educação Física.

A hierarquização dos saberes escolares impõe desafios significativos à Educação Física, colocando-a em posição inferior em relação a outras disciplinas. A pressão das avaliações externas, como o SPAECE, evidencia a falta de compreensão sobre a especificidade da Educação Física e sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. A resistência dos professores de outras disciplinas em reconhecer a importância da interdisciplinaridade reforça a necessidade de promover uma visão mais ampla e integrada da Educação Física no contexto escolar.

Embora a realidade evidencie desafios, os relatos positivos de professores comprometidos com práticas inovadoras e a mudança de paradigma oferecem esperança. A necessidade de construir uma nova identidade para a Educação Física, baseada em reconhecimento, respeito e compreensão de sua relevância, é premente. Contrapor à cultura escolar tradicional requer ações contínuas, como o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, a sensibilização da comunidade escolar e a promoção de diálogos construtivos entre os diversos agentes educacionais.

Em última análise, a mutação da cultura escolar na Educação Física Escolar demanda uma abordagem coletiva e engajada. Professores, gestores, alunos e

demais membros da comunidade escolar devem unir esforços para superar estigmas, desconhecimentos e preconceitos, promovendo uma Educação Física que seja reconhecida como um componente curricular essencial e enriquecedor para o desenvolvimento integral dos estudantes. O “trabalho de formiga” dos educadores comprometidos se mostra como um caminho promissor para construir uma nova realidade na Educação Física escolar, ancorada na inovação, respeito e valorização do conhecimento docente.

## REFERÊNCIAS

---

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos CEDES**, Campinas, ano XIX, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago., 1999. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2148-6.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2023.

BRASIL. Lei nº. 9.696, de 1 de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9696.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9696.htm). Acesso em: 09 dez. 2023.

DAÓLIO, J. A Educação Física como prática cultural: tensões e riscos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 215-226, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/32374>. Acesso em: 09 dez. 2023.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad.: RAMALHETE, R. 37ª ed. São Paulo: Vozes, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica**. In: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. (Org). *Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmall/d1/0008-unesp-iep3-livro-de-safios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=130>. Acesso em: 02 jun. 2023.

MACEDO, A. L. P. **Videolização na educação**: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça. Dissertação. Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes, Colegiado dos Cursos de Cinema, Pelotas, 2018. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/57498479/Videolizacao\\_na\\_Educacao-libre.pdf?1538601427=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DVIDEOLIZACAO\\_NA\\_EDUCACAO\\_UMA\\_IDEIA\\_NA\\_MA.pdf&Expires=1702162841&Signature=DnTZv12zh~GYQfQ2Pj rR9ElrmksnOlPt-aOGvmUJlCgoljxxYqvYwO-Cs5yuXezhaYKI0Q2gl6Z-LR9tRd01k8f-vdETTQ3IYkBGHSC7kHXAXWTvIJVBBGidmCwJ1bq25VQ1LklyNpzq0BypPfrzkBRuhRa6-X9VNOlazzkAssYUqvE9rw~6Mx4D5KyqWcdnefdPKiWmKCo7oOFHeA7J845K0hjGib8T9pMaMz4KEI0VMo93J4vAQGKc3XCetjatuWLWSVTwftvCxFejJE9ICUMI6uXOpSa26GKR0famlQyolH7svK1mXym8o-G3Kqv7SQRsr4m5YLAY2IEBdEYooltQ\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/57498479/Videolizacao_na_Educacao-libre.pdf?1538601427=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DVIDEOLIZACAO_NA_EDUCACAO_UMA_IDEIA_NA_MA.pdf&Expires=1702162841&Signature=DnTZv12zh~GYQfQ2Pj rR9ElrmksnOlPt-aOGvmUJlCgoljxxYqvYwO-Cs5yuXezhaYKI0Q2gl6Z-LR9tRd01k8f-vdETTQ3IYkBGHSC7kHXAXWTvIJVBBGidmCwJ1bq25VQ1LklyNpzq0BypPfrzkBRuhRa6-X9VNOlazzkAssYUqvE9rw~6Mx4D5KyqWcdnefdPKiWmKCo7oOFHeA7J845K0hjGib8T9pMaMz4KEI0VMo93J4vAQGKc3XCetjatuWLWSVTwftvCxFejJE9ICUMI6uXOpSa26GKR0famlQyolH7svK1mXym8o-G3Kqv7SQRsr4m5YLAY2IEBdEYooltQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em 09 dez. 2023.

PICH, S.; SCHAEFFER, P. A.; CARVALHO, L. P. O caráter funcional do abandono do trabalho docente na Educação Física na dinâmica da cultura escolar. **Educação**. Santa Maria, v. 38, n. 3, p. 631-640, set./dez., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/7269/pdf>. Acesso em: 09 dez. 2023.

SANCHES NETO, L.; BETTI, M. Convergência e integração: uma proposta para a educação física de 5ª a 8ª série do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Física E Esporte**, v. 22, n. 1, p. 5-23, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16678>. Acesso em: 09 dez. 2023.

SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar. **Kinesis**, Cascavel, v. 30, n. 1, p. 80-94, jan./jun., 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5718>. Acesso em: 09 dez. 2023.

SIMÃO, M. B. Educação Física na Educação Infantil: refletindo sobre a “hora da Educação Física”. **Motrivivência**, ano XVII, n. 25, p. 163-172, dez., 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4701/3879>. Acesso em 09 dez. 2023.



SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L. Instrumentos e critérios no processo de avaliação em Educação Física escolar: "Errar é humano", mas é fonte de aprendizagem. **Instrumento**, v. 21, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/19136>. Acesso em: 09 dez. 2023.